

O rapaz que aprendeu a comer palavras felizes



Título
O rapaz que aprendeu a comer
palavras felizes

Texto
© Nádia Nunes

Ilustrações
© Majo Compalati

Coordenação da Edição
Alfarroba

Revisão e Edição
Alfarroba

Design e Paginação
Catarina Amaro da Costa | Alfarroba

Impressão e Acabamento
Portugal

ISBN
978-989-9068-52-0

Depósito Legal
503 055/22

1.ª edição, Setembro 2022

uma edição da Alfarroba
© Setembro 2022, Alfarroba

telefone: 210 998 223
e-mail: geral@alfarroba.com.pt



www.alfarroba.com.pt

Dionísio estava deitado no ramo de uma árvore, com os olhos fechados, a sentir o calor a derretê-lo, depois de um inverno rigoroso. Até que tudo se tornou mais escuro. Algo tinha tapado o Sol.

— Será uma nuvem?

Abriu os olhos e viu um focinho longo. Tentou empurrá-lo, mas percebeu que não tinha braços! Tentou correr dali para fora, mas também não tinha pernas!



— Socorro! — gritou, ao mesmo tempo que deu um grande impulso para trás.

Balançou outra vez e conseguiu ver o seu reflexo nos enormes olhos daquele animal.

— Oh, não! Sou uma maçã!

Já não conseguia escapar. Começou a sentir várias lambidelas suculentas, com um hálito estranho.

— Dionísio, Dionísio! Acorda! — chamou-o o avô, sacudindo-o daquele pesadelo.

Mas as lambidelas não eram do avô, claro. Eram do Apolo, o seu cão.

O rapaz dos sonhos tristes acordou! Estava assustado, depois de outro pesadelo e do abanão do avô.

Todas as noites eram assim.

Na noite anterior, tinha sonhado que vinha da escola, chegava a casa e havia deixado tudo na sala de aula: os livros, os cadernos, o estojo, a bola... Procurava, procurava, mas não encontrava nada.

Na outra noite, sonhara que saía de casa sem sapatos! Isto quando não sonhava que, em vez de sair pela porta, saía pela janela, ou pela varanda! Depois caía, mas nunca chegava a porto seguro. Ficava assim, a cair, durante todo o sonho, até que o avô o acordasse.

Os pesadelos eram esquisitos e muito diferentes daquilo que se passava na vida real. Dionísio sentia-se triste por não saber de onde vinham aqueles sonhos indesejados. Sentia-se farto e achava que era altura de fazer alguma coisa, por isso, numa noite mágica de Lua cheia, pensou enfrentar o próximo pesadelo, fosse ele qual fosse!



Nessa noite, deixou o luar entrar. Sentia magia vinda daquela bola perfeita e silenciosa, que guardava os sonhos e os segredos de todas as pessoas. Deitou-se com uma pilha de folhas e alguns objetos. Tinha pensado numa estratégia para trocar os pesadelos por sonhos.

— Que tens aí? — perguntou o avô.

— São coisas minhas! — respondeu ele, cheio de determinação.

Naquelas folhas tinha desenhado uma maçã podre, noutra, tinha escrito em letras maiúsculas: «NÃO TE ESQUEÇAS DA MOCHILA NA ESCOLA! NEM DA BOLA!»

Numa outra folha tinha umas belas asas desenhadas. Esboçou uns sapatos para nunca mais sair descalço de casa e uma porta para saber por onde devia sair.

Nada resultou. Dionísio continuava com o sono desinquietao.

O avô, já desesperado, sentou-se no alpendre a observar o rosto da noite sarapintado por estrelas suspensas.

— Pobre Dionísio — pensava ele em voz alta. — Será que devia levá-lo àquele sítio?

Deixou aquela pergunta a pairar no ar, como se esperasse que o vasto silêncio lhe desse uma resposta.

— Não! Nem falarei mais nisso! Ele não pode sequer imaginar que esse lugar existe.

Era tarde para arrependimentos. As estrelas, atentas e coscuvilheiras, ouviram aquele desabafo.

Dionísio também ouviu o avô, mas já andava às voltas na cama, sem conseguir perceber se era verdade ou se era outro pesadelo. Acabou por adormecer no doce embalo dos lençóis, que se abraçavam a ele. A almofada, macia, e que cheirava a flores do campo, fazia-lhe festinhas na cara.